

## Mesa Redonda: **Africanos e políticas coloniais**



O confronto entre as práticas políticas africanas e o domínio colonial é examinado nessa mesa-redonda a partir de experiências ocorridas na África do Sul, em Angola e Moçambique, no período colonial. Duas apresentações enfocam as relações entre medicina e política colonial, a primeira examinando a associação entre ativismo político e práticas médicas, e a segunda analisando a implantação de serviços de saúde. A terceira apresentação enfoca o combate aos “usos e costumes” das populações chamadas indígenas por parte da administração colonial.

**Coordenação:** *Robert W. A. Slenes, UNICAMP*

### **Giovani Grillo de Salve, UNICAMP - O médico político e o político médico: o caso do Dr. Abdullah Abdurahman e a medicina e política colonial na Cidade do Cabo, 1895-1920**

A história do Dr. Abdullah Abdurahman é o ponto de partida para analisarmos complexas relações entre ativismo político e práticas médicas na Cidade do Cabo entre os anos de 1895 e 1920. Figura fascinante, o Dr. Abdullah Abdurahman atuou por mais de trinta e cinco anos como Conselheiro Municipal próximo às comunidades *coloureds* da África do Sul e foi fundamental na formulação de estratégias de resistência às segregações raciais do período.

Filho de um teólogo muçulmano educado em Al-Azhar no Cairo e neto de escravos provenientes das possessões da Companhia das Índias Orientais Holandesa, Abdullah Abdurahman foi educado para acreditar na perfectibilidade humana. Estudou ainda cedo no *South African College* e teve acesso a privilégios raros a outros jovens de mesma condição social e cor de pele. Seguiu estudando dentro dos preceitos da razão, e com apoio de sua família e comunidade, conseguiu financiamento suficiente para estudar medicina em Glasgow, Escócia. Graduou-se no ano de 1893 e retornou à África ainda no ano de 1895 – então casado com a escocesa Hellen Potter James.

Quando do seu retorno, o Cabo tornara-se uma realidade de contrastes sociais e políticos nítidos altamente sensíveis à luz de suas experiências europeias. A educação que recebera e o choque do retorno colocaram novas perspectivas e problemas às formas como o médico entendia sua profissão.

É a partir de Abdullah Abdurahman que outros médicos que enfrentaram esta transposição de realidades serão apresentados. Isso porque, como nossa pesquisa vem demonstrando, esses médicos tiveram importantes papéis na política e medicina colonial, colocando em questão o avanço da segregação institucionalizada.

Nossa apresentação revela, portanto, as complexas relações sociais e experiências de vida de personagens urbanos como o Dr. Abdurahman. Além do mais, essa apresentação elucida como os trânsitos imperiais criaram maneiras alternativas de se pensar a política colonial e as atuações médicas na África do Sul entre o final do século XIX e início do século XX.

## **Samuël Coghe, Max Planck Institute for the History of Science - Entre a contestação e a apropriação. Sistema de saúde colonial e agência africana na Angola portuguesa das décadas de 1900 a 1940**

Com a expansão do domínio colonial e as mudanças no sentido da missão civilizadora no final do século XIX e início do século XX, todos os poderes coloniais na África subsaariana começaram a estender as atividades de seus serviços de saúde para as populações africanas, assim como a introduzir novos métodos de cura e ideias sobre saúde. Isso, no entanto, foi um processo lento, difícil e desigual, não só porque os chamados programas de saúde africanos eram em sua maioria subfinanciados e havia escassez de funcionários, mas também porque muitos africanos não aceitavam facilmente as teorias causais da doença e dos métodos – muitas vezes opressivos – da medicina colonial.

No entanto, pretendo ir para além da dicotomia entre biomedicina “ocidental” e práticas de cura “tradicionais”, para mostrar por meio de dois casos ocorridos na Angola portuguesa que muitos africanos não rejeitavam a medicina colonial com um todo. O primeiro analisa a forma como os povos africanos no norte de Angola trataram as campanhas portuguesas contra a doença do sono, e o segundo analisa a forma como as mulheres africanas de áreas rurais e urbanas reagiram às primeiras tentativas portuguesas para melhorar o bem-estar infantil e materno no período do entreguerras. Defendo que, em ambos os casos, os atores africanos se apropriaram seletivamente das partes dos programas de saúde que consideravam benéficas, enquanto que, por meio de protestos e táticas de evasão, tentavam renegociar e alterar as partes menos aceitáveis, às vezes até com sucesso. Na minha análise, eu também abordarei os desafios metodológicos de recuperação das vozes africanas em relatórios médicos coloniais, sem fazer história oral.

## **Matheus Serva Pereira, UNICAMP - Calças, cotidiano e colonialismo em Lourenço Marques no início do século XX**

No dia 22 de dezembro de 1911, o jornal “O Africano”, naquela época ainda sob o comando dos irmãos Albasini, membros da elite letrada africana de Moçambique, reclamavam de uma “cena estúpida” ocorrida no porto de Lourenço Marques (atual Maputo). Aparentemente de maneira proposital, um “membrudo negralhão” ostentava-se nu para as passageiras recém desembarcadas de um vapor. A reação foi de exclamação: “oh! Shocking”; o que mais lhe estimulou. A exibição só terminou quando nosso personagem foi enxotado a bengaladas. O jornal concluía que a culpa pelo evento não fora do “negralhão”, mas da autoridade administrativa colonial, que não intervinha no combate aos “usos e costumes” das populações indígenas, especialmente aquelas que viviam na cidade.

A dominação e a expansão colonial, com o seu intento classificador e, sobretudo, hierarquizante da realidade sociocultural que encontrava sob seu domínio no continente africano, provocou uma série de encontros e desencontros. A cidade de Lourenço Marques, considerada como centro exemplificador e propagador desses objetivos no Moçambique colonial, encontrou dificuldades concretas para a sua efetivação. As ações dos colonizadores, entretanto, encontraram diferentes reações e interpretações dos povos colonizados. Nesse sentido, buscarei com a presente apresentação analisar, a partir dos artigos publicados pelo jornal “O Africano” a respeito da obrigatoriedade do uso de calças por todos os habitantes de Lourenço Marques, aspectos relacionados as transformações criativas da ordem cultural dessa população cidadina africana que insistia em andar nua pelas ruas laurentinas.